

Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 12



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Equipe Editorial

Abas Rezaey	Izabel Ferreira de Miranda
Ana Maria Brandão	Leides Barroso Azevedo Moura
Fernado Ribeiro Bessa	Luiz Fernando Bessa
Filipe Lins dos Santos	Manuel Carlos Silva
Flor de María Sánchez Aguirre	Renísia Cristina Garcia Filice
Isabel Menacho Vargas	Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 12. / Filipe Lins dos Santos.
(Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2025.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-140-1

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II.
Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs

Capítulo

8

A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO



A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

AFFECTIVITY IN THE TEACHER-STUDENT RELATIONSHIP

Rosilene Lopes Schabbach¹

Resumo: É imprescindível ver o aluno como ser individual, pensante que constrói o seu mundo, espaço e o conhecimento com sua afetividade e cognição. A afetividade no ambiente escolar contribui para o processo ensino-aprendizagem, considerando que os professores lidam com a formação de seres humanos e trabalham com os aspectos cognitivos e afetivos, o que exige uma diversificação de atitudes para atender às diferentes demandas escolares e sociais. Diante disso é importante identificar como a afetividade está incorporada no desenvolvimento cognitivo do educando vislumbrado nas ações que estes manifestam, principalmente no meio educativo. O educador ciente destas habilidades inerentes ao educando exerce o seu papel de mediador na formação integral do mesmo, possibilitando o exercício consciente de ações saudáveis inclusive no meio social.

Palavra chave: Interação. Afetividade . Humano. Ensino-aprendizagem.

Abstract: It is essential to see the student as an individual, a thinking being who builds his/her world, space and knowledge with his/her affection and cognition. Affection in the school environment contributes to the teaching-learning process, considering that teachers deal with the formation of human beings and work with the cognitive and affective aspects, which requires a diversification of attitudes to meet the different school and social demands. In view of this, it is important to identify how affection is incorporated into the cognitive development of the student, as seen in the actions they

¹ Licenciatura em Pedagogia com Habilitação em Docência para a Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino Fundamental pela Faculdades Afirmativo Cuiabá-MT



manifest, especially in the educational environment. The educator, aware of these inherent abilities of the student, plays his/her role as a mediator in the student's integral formation, enabling the conscious exercise of healthy actions, including in the social environment.

Keyword: Interaction. Affection. Human. Teaching-learning.

INTRODUÇÃO

Hoje, educação é, mais do que nunca, o único sinônimo tangível para definir um futuro mais humano para as próximas gerações.

Nunca se discutiu tanto a importância de se ensinar virtudes e valores para as crianças como nos últimos anos, quando essa necessidade pareceu mostrar-se tão significativa e imperiosa.

Acredita-se que uma importante arma para a educação é uma relação de afeto entre pais, alunos e professores. Porque sem dúvida o clima emocional que envolve a criança tanto no lar quanto na escola, é essencial. Para isso é importante que lhes ensinemos a buscar o que se pretende ser, construindo desse modo um clima em torno da criança, onde sua alegria espontânea possa ser bem vinda, através do afeto nas práticas pedagógicas.

Sabe-se que esse desafio cabe a comunidade escolar, buscando um trabalho conjunto, criando espaços e situações, na forma de lidar e lapidar as crianças preparando-as para o futuro. O desafio é grande, pois temos consciência de que adultos queremos formar.

A formação humana desejada acontece principalmente, através da afetividade que impulsiona e proporciona a aprendizagem libertadora e a felicidade do educador e do educando.

Nesse sentido serão destacados no capítulo inicial, a compreensão da afetividade no desenvolvimento cognitivo do educando. As fases do desenvolvimento infantil, focalizando as contribuições teóricas de Jean Piaget.

No segundo capítulo, enfocaremos a afetividade no contexto educacional, e a prática afetiva



pela comunidade escolar .

Finaliza-se a fundamentação teórica, abordaremos a afetividade na relação professor aluno, destacando a diversidade de ações pelo professor, assim como estratégias para valorizar e desenvolver a afetividade.

Sabe-se que cada ser humano é único; então, merece ser tratado de maneira individual. É primordial que o professor conheça seu aluno para ajudá-lo na formação integral da afetividade dos mesmos.

Na relação professor-aluno existe uma diversidade muito grande, própria das diferenças existentes entre os sujeitos. A interação social é responsável pelo crescimento do conhecimento, pelo processo de ensino-aprendizagem. Segundo Passareli (2004), "É no sentido dessas reflexões que se pode considerar a prática educativa como o imbricamento de aspectos relativos à construção do conhecimento, à ética, a afetividade (...)" (p. 72). Agindo de forma consciente despertando a curiosidade e o interesse favorecerá a aprendizagem, interagindo como fazedores de sua própria história. Precisam estar envolvidos e engajados no contexto sala de aula, conciliando as duas vias de direção: autoridade do professor e autonomia do aluno. "Um professor autoritário não pode exercer seu papel para desenvolver a autonomia e independência dos estudantes" (PASSARELI, 2004 p. 74), ele tem que exercer o papel de articulador para garantir a prática educativa e social.

Segundo Furnaletto (2003, p. 5).

(...) aprender não é somente um ato racional, engloba-nos por inteiro, configurando-se como um ato profundamente amoroso. é um ato de amor a si mesmo, de amor à vida e a tudo que ela abarca. Como todo ato de amor, aprender nos toca visceralmente.

O aluno que possui uma boa relação afetiva é seguro, tem interesse pelo mundo que o cerca, compreende melhor a realidade e apresenta melhor desenvolvimento intelectual. Tendo a afetividade como fator e componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade. Ao aprender com afetividade



o ser humano conseguirá um equilíbrio perfeito, e assim haverá qualidade de ensino e satisfação no aprendizado. A afetividade é a base sobre a qual se constrói o conhecimento racional.

O EFEITO DA AFETIVIDADE NA CONSTRUÇÃO DO COGNITIVO

A importância das relações humanas para o crescimento do homem está escrita na própria história da humanidade. O meio social é uma circunstância necessária para a modelagem do indivíduo. Sem ela a civilização não existiria, pois foi graças à agregação dos grupos que a humanidade pode construir os seus valores, os seus papéis, a própria sociedade.

Rossini (2003) destaca, (...) o mundo globalizado exige uma socialização cada vez mais intensa do ser humano, que deve ser cada vez mais bem equipado intelectualmente e preparado emocionalmente para conviver com seu grupo social. (p.8).

As experiências afetivas, já nos primeiros anos de vida são determinantes para que a pessoa estabeleça padrões de conduta e formas de lidar com as próprias emoções.

Durante toda a vida da pessoa, os fatos, ou acontecimentos serão experiências e passarão a fazer parte da consciência. Serão lembranças e sentimentos vivenciados. Assim também teremos lembranças do que foi sentido, então, não apenas experiências de vida poderão ser agradáveis.

A maneira que a pessoa faz esses registros vão tomando forma de acordo com as necessidades e condições de cada um, com relata Augusto Cury (2003 p. 108).

(...) só conseguimos dar detalhes das experiências que envolvem perdas, alegrias, elogios, medos, frustrações.

Embora diferentes pessoas possam viver mesmos fatos e acontecimentos, cada uma sentirá de maneira diferente e pessoal. Perder um mesmo objeto, sofrer a perda de um membro ouvir uma mesma música, comer a mesma comida poderá causar diferentes sentimentos em diferentes pessoas.

O afeto se mostra nos estados de ânimo, humor, nos sentimentos e nas emoções. A palavra



afeto vem do latim affectuar (afetar,tocar) e constitui o elemento básico da afetividade.

Segundo o Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está num conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagradado de alegria ou tristeza (p.55}.

A afetividade é expressa pelo indivíduo, na capacidade experimentar esses mesmos sentimentos e emoções nas mais diversificadas situações de sua vida.

A afetividade é quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial. Estudando e refletindo sobre essa situação podemos conferi-la nas ideias de Wallon que coloca muito bem as questões da afetividade como: "ação promotora de impulsos motivadores e inibidores, sendo capaz de perceber os fatos de maneira dicotômica agradável ou sofrível, conferindo disposições entusiasmadas ou indiferentes, determinando sentimentos.(WALLON, 1994).

É a afetividade quem dá valor e representa realidade. Essa afetividade também é capaz de representar tudo aquilo que está fora do indivíduo, como os fatos e acontecimentos, e os que estão dentro, como os medos, os conflitos, anseios. A afetividade está presente em tudo o que o indivíduo faz, pensa e sente, Rossini (2002, p. 16) ressalta que a afetividade aparece ligada à educação, pois:

aprender deve estar ligado ao ato afetivo, deve ser gostoso, prazeroso (...), ao conceituar afetividade como (...) base da vida. Se o ser humano não está bem afetivamente, sua ação como ser social estará comprometida. Isto vale para qualquer área da atividade humana, independente de idade, sexo, cultura.

A afetividade também valoriza os fatos e acontecimento do passado e as perspectivas futuras, vendo uma antiga fotografia de alguém querido já falecido, algumas pessoas experimentam sentimentos agradáveis e saudosos, outras, porém, pode sentir angústia, tristeza, sensação de perda e sentimentos desagradáveis. O que, dentro das pessoas faz com que essa foto seja representada, trata-se da afetividade.

Desta forma, a afetividade é quem confere o modo de relação do indivíduo com a vida e será



através da variação de ânimo que a pessoa perceberá o mundo e a realidade. Direta ou indiretamente, a afetividade exerce profunda influência sobre o pensamento e a conduta.

A maneira de manifestar os pensamentos e intenções se dá pela emoção. Entende-se por emoção formas corporais de expressar o estado de espírito da pessoa, manifestações físicas, alterações orgânicas, como "frio" na barriga, secura na boca, choro (WALLON, 1986). Este mesmo autor atribui a emoção, assim como aos sentimentos e desejos, as manifestações da vida afetiva são fundamentais no processo de desenvolvimento humano.

Ao direcionar suas ações, o indivíduo deve buscar o auto-controle do afeto para chegar a satisfação, como expressa Cury (2003), "Gerenciar a emoção e capacitar o eu, que representa a vontade consciente, para administrar a energia emocional da dor. É expandir a energia do amor, da satisfação, do medo, da insegurança".(p.64).

A afetividade e as emoções acompanham o ser humano desde a vida intra uterina, até a sua morte, se manifestando como uma fonte geradora de potência e energia e sendo o alicerce sobre qual se constrói o conhecimento racional.

As crianças devem ter oportunidades de desenvolverem sua afetividade. É preciso possibilitar condições para que seu emocional floresça e ganhe espaço.

Como afirma a autora Rossini, (2001, p. 15).

"(...) As crianças devem ter oportunidade de desenvolver sua afetividade. É preciso dar-lhes condições para que seu emocional floresça, se expanda, ganhe espaço. A falta de afetividade leva a rejeição aos livros, a carência de motivação para a aprendizagem, à ausência da vontade de crescer (...)"

O fortalecimento das relações afetivas entre professor e aluno contribui para o melhor rendimento escolar. A afetividade é o elemento básico para a construção do conhecimento.

A afetividade sendo necessária na formação das pessoas para que elas sejam capazes de conviver com o mundo que as cerca, no ambiente escolar, o papel do educador é, além de dar carinho, aproximar-se do aluno, saber ouvi-lo, acreditá-lo, dando abertura para a sua expressão, "(...)"



transformando alguns instantes de afeto, companheirismo, entusiasmo e paixão (...)" (ANTUNES, 2002, p.150).

O olhar do professor para o seu aluno é indispensável para a construção e o sucesso da sua aprendizagem. Isto inclui dar credibilidade às suas opiniões e valoriza-lo. Carinho faz parte da trajetória, é apenas o começo do caminho.

Na perspectiva genética de Wallon, (1986), inteligência e afetividade estão integradas, a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, assim como a evolução da inteligência depende das construções afetivas.

A afetividade sempre pareceu ligada à Educação, tanto que normalmente o papel do educador foi considerado a Muller que se acreditava, ser mais afeita a questão da afetividade.

Intuitivamente, professores, pais e educandos perceberam, no dia-a-dia, a importância dos laços afetivos no processo de educação. Também no campo científico, muitas pesquisas caminham na direção de entender de que forma a educativo. Logo, a qualidade dos laços afetivos é muito importante para o desenvolvimento físico e cognitivo da criança, que estabelece suas aprendizagens através de competências e habilidades.

Ao retratar as habilidades e suas influências na relação afetiva do cognitiva, habilidade social e habilidade emocional (CHALITA, 2001).

A habilidade cognitiva é a habilidade de absorver o conhecimento e de trabalhá-lo de forma eficiente e significativa. Não se trata de um cognitivismo que ignora outras dimensões da aprendizagem como a social e a emotiva (CHALITA, 2001). Falar em habilidade cognitiva significa falar em seleção de conteúdos, para o corte epistemológico para saber o que tratar nessa tentativa de formação do cidadão, e não apenas de preparação do jovem para o mercado de trabalho.

A habilidade emocional tem grande importância na vida humana porque proporciona o aprimoramento das outras, dá sentido ao viver, ao caminhar e impulsiona o indivíduo à liberdade, é o exercício do indivíduo na busca do crescimento pessoal.



Segundo Gabriel Chalita, (2001, p.257).

(...) desenvolver a habilidade emocional significa (...) ser um caminhante, um errante, um visionário de sonhos e um concretizador de ideais.

Esta habilidade relacionado com a habilidade social é o grande pilar da educação. Para Chalita (2001, p. 232) "(...) não é possível desenvolver a habilidade cognitiva e a social sem que a emoção seja trabalhada (...)".

A habilidade social, por sua vez implica em saber relacionar-se da melhor forma possível. Falar, ouvir, expressar-se com competência, ter capacidade para entender os problemas alheios. O respeito pelo outro é um requisito fundamental.

Vivemos em uma sociedade plural, marcada pelas diferenças sociais, políticas e principalmente, econômicas. As relações são difíceis e complexas, mas, mesmo assim, ninguém vive sem a presença do outro, ser só é algo contrário a natureza humana.

Por isso, transitar entre grupos variados e de realidades de forma hábil é uma vantagem, um diferencial, ao qual cada um vai desenvolvendo de acordo com o que vai vivenciando a nível de atitudes, sentimentos e trocas emocionais no decorrer da vida.

Como expõe Gabriel Chalita, (2001, p.232).

"A habilidade social se constrói necessariamente por um caminho de convivência e de solidariedade, de conhecimento do mundo [...]"

A partir do momento em que o professor conhece seus alunos em seus aspectos sociais, cognitivos, afetivos e emocionais percebendo o que o aluno sente, sem que ele o diga, cria uma enorme chance de aumentar a intimidade, transmitir experiências e compartilhar dificuldades em direção ao seu aluno.

Assim, as atividades pedagógicas devem ser elaboradas tendo objetivos, refletidos sobre a



realidade cotidiana da criança.

Quando o aluno se sente valorizado, conseqüentemente, fortalece sua auto - estima. Ele descobre novas maneiras de lidar consigo mesmo e com o outro, percebendo o que precisa.

Para Piaget (1987) todo processo de desenvolvimento ligado ao ser humano passa pela dimensão social e envolve cognição, afeto e moral. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação, e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é atribuída como uma condição inevitável na construção da inteligência, mas, também não é suficiente.

Ainda, define a afetividade como todos os movimentos mentais conscientes e inconscientes não-rationais, sendo o afeto um elemento indiferenciado do domínio da afetividade. (Piaget, 1987).

Piaget mesmo reconhecendo o aspecto afetivo como importante, concentrou sua atenção no aspecto cognitivo, especificamente, na gênese da inteligência e da lógica.

Porém, este deixa claro que a visão do desenvolvimento intelectual, incluindo o cognitivo sem levar em conta os aspectos afetivos, é incompleta. Não há comportamento afetivo sem vínculo cognitivo ou vice-versa.

Ao pesquisar o comportamento da criança, Piaget levou em consideração suas fases de desenvolvimento cognitivos, cuja compreensão é importante para se entender o desenvolvimento afetivo no processo de aprendizagem, na relação entre professor e aluno.

No período Sensório-Motor, de impulsos e reflexos instintivos, o recém nascido busca alimentação e libertação de desconforto, Piaget diz ser uma fase egocêntrica. Até mais ou menos um ano e meio, não há sentimento de respeito pelo adulto. É a fase do desenvolvimento moral, onde o sentimento forte começa a se desenvolver no relacionamento entre criança e os seus tutores, pelo afeto. Este sentimento é fundamental para a formação futura do respeito.

É no segundo ano de vida, que a criança começa a usar os sentimentos para alcançar os fins, experimentando sucessos e "fracassos" do ponto de vista afetivo (grifo nosso).

Os primeiros sentimentos sociais surgem durante o estágio Pré-Operacional, representados



pela falta e pela representação de imagens das experiências vividas, como as afetivas. Durante este estágio, tendo a capacidade de reconstruir o passado cognitivo e afetivo, o comportamento e os sentimentos das crianças se tornam mais conscientes na medida em que o desenvolvimento avança.

Junto com os conceitos cognitivos e afetivos, desenvolve-se a compreensão infantil das regras e dos conceitos morais. Para Piaget (1995), o desenvolvimento do raciocínio moral é uma consequência do desenvolvimento cognitivo e afetivo e, durante o estágio pré-operacional, o raciocínio moral é visto como pré-normativo, isto é, baseia-se na obediência à autoridade mais por medo do que por respeito mútuo.

Já no estágio das operações formais, o afeto emerge das mesmas fontes do desenvolvimento cognitivo e das estruturas intelectuais. Na adolescência, o desenvolvimento afetivo é marcado pelo surgimento dos sentimentos idealistas e a continuação da formação da personalidade.

Conforme Piaget (1987, p.122), "uma das principais diferenças afetivas entre o pensamento do adolescente e do adulto reside no fato de que inicialmente (...) o adolescente aplica o critério da pura lógica nos julgamentos dos eventos humanos". Neste momento começa a aparecer a capacidade de raciocinar e de refletir sobre o próprio pensamento, e, se motivados, as crianças, com raciocínio formal, podem pensar tão logicamente quanto os adultos.

O importante é entender que no decorrer de todo processo de desenvolvimento a afetividade é como uma energia que impulsiona as ações, ficando claro, no caso da escola, a importância na relação professor e aluno.

A AFETIVIDADE EM SALA DE AULA: AS CONDIÇÕES DE ENSINO E A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR

A afetividade é inerente aos aspectos do ser humano, manifestando-se na sua linguagem, expressões e relações interpessoais, que ao mesmo tempo em que constituem-no, servem como motivação para possibilidades de desenvolvimento e construção, principalmente de seu aprendizado



e da socialização.

A afetividade deve ser uma presença contínua nas interações sociais, além de sua influência, também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, pode-se afirmar também que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os alunos e os diversos objetos de conhecimento (áreas de conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Para Chalita (2001, p. 120), (...) educar para que todas as vicissitudes sejam enfrentadas com galhardia. Essa responsabilidade não é apenas da escola, é de toda a sociedade, a começar pela família (...), pais, os professores cuja atitude pode influenciar, moldar, baseando na afetividade e no exercíciopositivo das relações interpessoais.

A relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar.

Segundo a escritora Paola Gentile (2006, p.34).

A família é o primeiro grupo com o qual a pessoa convive e seus membros são exemplos para o vida. [...]

Essa confiança que o professor transmite quando se relaciona com a família é a base para uma construção afetiva, pois é através de uma forma de comunicação emocional que a criança mobiliza o adulto, garantindo assim os cuidados de que necessita. Portanto, é o vínculo afetivo estabelecido entre o adulto e a criança que sustenta a etapa inicial do processo de aprendizagem, pois aprender tem que ser gostoso e isto é repassado na educação, que segundo Rossini, (2003) se estende ao longo de sua vida. Formal ou não é uma das maiores preocupações dos pais: Dar uma boa educação aos filhos (p.11). Nesse sentido torna-se fundamental o papel do afeto, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino aprendizagem, na época escolar, onde "(...) professores fascinantes ensinam os alunos a explorar o mundo que são, o seu próprio ser. Sua educação segue as



notas da emoção. (...)" (CURY, 2003, p. 66).

Estudos têm direcionado o olhar para a dimensão afetiva do comportamento humano. A partir de abordagens que dão ênfase nas interações sociais, destacando se o papel determinante do outro no desenvolvimento e na constituição do indivíduo, numa visão mais integrada do ser humano.

A visão dualista do homem enquanto corpo/mente, matéria/espírito, afeto/cognição, tem permeado a trajetória do pensamento e do conhecimento humano. Há muito séculos, tem se manifestado em estudos sobre o comportamento a partir de uma visão entre racional e emocional, pressupondo que o primeiro deveria dominar o segundo, impedindo uma compreensão total do ser humano.

A abordagem histórico-social tem possibilitado uma nova leitura das dimensões afetivas e cognitivas no ser humano.

Na área educacional a crença de que a aprendizagem é social, mediada por elementos culturais, produz um novo olhar para as práticas pedagógicas. A preocupação que se tinha com o "o que ensinar", começa a ser dividida com o "como ensinar" (grifo nosso).

Para ROSSINI(2001, p. 13).

Nosso desafio será acompanhar o desenvolvimento tecnológico sem esquecer que temos em mãos seres humanos em formação. Precisamos de uma educação mais humanista, voltada para o ser humano em suas características de um ser do todo de corpo, espírito, razão o emoção.

A sala de aula é um espaço de interações sociais. E para que esse lugar funcione como instrumento de aprendizagem, é muito importante que haja uma boa comunicação entre professores e alunos. Para Cury "(...) O compromisso social deve ser a grande meta da educação. Sem ele, o individualismo, o egoísmo e o controle de uns sobre os outros crescerão (CURY, 2003, p.151).

O ato de ensinar consiste na transmissão e troca de conhecimento. E é, portanto, por meio da relação como o professor e entre eles que os alunos usando as suas funções mentais e mobilizando os seus afetos, os seus desejos, as suas expectativas, se apropriarão do conteúdo ou conhecimento



ensinados. Dessa maneira eles serão capazes de transformar o conteúdo que lhes é passado pela cultura e pela escola em conhecimento próprio. Utilizando, nesse processo de construção, as habilidades interpessoais e individuais.

Diversos autores conceituam e identificam os aspectos individuais envolvidos na constituição do ser/indivíduo, de meios para as interações sociais, culturais e cognitivas, baseando-se nas referências emocionais e afetivas.

Goleman, (1995, p. 46), foi um destes ao definir que as questões da afetividade na construção do conhecimento, puderam ser sistematizadas em um conjunto de características como base para seus estudos sobre a inteligência emocional entendida como:

(...) capacidade de motivar-se e persistir diante de frustrações; controlar impulsos e adiar a satisfação; regular o próprio estado de espírito e impedir que a aflição invada a capacidade de pensar, empatia e esperar.

Ele trás o conceito da inteligência emocional como maior responsável pelo sucesso ou insucesso das pessoas, uma vez que a maior parte da vida do indivíduo é envolvida por relacionamentos interpessoais. Desta forma aqueles com qualidades de relacionamento humano, como afabilidade, compreensão e gentileza têm maiores chances de obter o sucesso.

A inteligência emocional esta relacionada à habilidades tais como motivar a si mesmo e persistir mediante frustrações; controlar impulsos, direcionar emoções para situações apropriadas, motivar pessoas, ajudando-as a libertarem seus talentos.

Goleman, em seu livros, *Inteligência Emocional* (1995), mapeia a Inteligência emocional em cinco áreas de habilidades:

1. Auto-Conhecimento Emocional - reconhecer um sentimento enquanto ele ocorre.
2. Controle Emocional - habilidade de lidar com seus próprios sentimentos, adequando-os à situações.



3. Auto-motivação - dirigir emoções a serviço de um objetivo é essencial para manter-se caminhando sempre em busca.
4. Reconhecimento de emoções em outras pessoas.
5. Habilidade em relacionamentos inter-pessoais.

As três primeiras referem-se a Inteligência Intra-pessoal. As outras duas, a Inteligência Inter-Pessoal.

Inteligência Inter-Pessoal: é a habilidade de entender outras pessoas o que as motiva, como trabalham em grupo.

Segundo Dallari, (1985, p. 3).

(...) seria possível uma pessoa muito rica isolar-se em algum lugar onde tivesse armazenado grande quantidade de alimentos. Mas essa pessoa está, em pouco tempo, sentindo falta de companhia, sofrendo a tristeza da solidão, precisando de alguém com quem falar e trocar ideias, necessitada de dar e receber afeto.

Inteligência Intra-Pessoal é a mesma habilidade, só que voltada para si mesmo. É a capacidade de formar um modelo verdadeiro, preciso de si mesmo e usa-lo de forma efetiva e construtiva.

Em relação à educação, Goleman (1995), fala da importância de "educar" as emoções e fazer com que os alunos também se tomem aptos a lidar com frustrações, negociar com outros, reconhecer as próprias angústias e medos.

Segundo ANTUNES (2001, p. 3).

(...) inteligência implica também a capacidade de resolver problemas. dos mais simples, como por exemplo, apanhar uma chave que caiu no chão, até os mais complexos; é também a capacidade de criar produtos, materiais ou intelectuais, que sejam socialmente.

Para que os alunos desenvolvam sua inteligência emocional, é necessário que o professor



também desenvolva sua própria inteligência emocional, pois pode se dizer aquilo que o professor ensina em sua prática está ligado em sua própria personalidade. Cabendo a ele desenvolver uma aula emocionalmente inteligente.

As interações vívidas com os professores são as que possuem grandes referenciais em nossas vidas, pois a relação professor-aluno mais do que ser pautada pelas ações que um dirige ao outro, é afetada pelas ideias que um tem do outro, ou seja, pelas representações mútuas entre alunos e professores.

Para Chalita (2001, p. 163).

O professor - eis o grande agente do processo educacional. A alma de qualquer instituição de ensino é o professor. Por mais que se invista na equipagem das escolas, em laboratórios, bibliotecas, anfiteatros, quadras esportivas, piscinas, campos do futebol - sem negar a importância de todo esse instrumental - , tudo isso não se configura mais do que aspectos materiais se comparados ao papel e a importância do professor.

Trabalhar pensamentos e sentimentos, dimensões estas, indissociáveis requer profissionais da educação a articulação que a temática solicita.

A relação entre professor e aluno constitui o cerne do processo pedagógico. É impossível desvincular a realidade escolar da realidade de mundo vivenciada pelos discentes, uma vez que essa relação é uma rua de mão dupla, pois ambos (professores e alunos) podem ensinar e aprender através de suas experiências (grifo nosso) .

Tiba, (1998 p. 61), destaca:

ensinar é transmitir o que se sabe a quem quer saber, portanto é dividir a sabedoria. Essa divisão, porém, não segue as leis matemáticas. Em vez de o conhecimento diminuir, ganha-se algo mais. Ensinar faz com que o mestre atualize seu saber, abra a própria cabeça e perguntas. Os questionamentos revolvem os neurônios em busca de novas respostas, reativando o cérebro, revivendo a alma.(p.61).



Segundo MASSETO (1996), "o sucesso (ou não) da aprendizagem está fundamentado essencialmente na forte relação afetiva existente entre alunos e professores, alunos e professores e professores". Uma situação de emoção (tanto boa quanto ruim), só precisa acontecer uma única vez para ficar registrado em nosso cérebro.

O mesmo deve acontecer com o aprendizado. Uma aula ministrada com emoção é uma aula com entendimento. O professor que dá aula recheada de emoção lhe será dada a resposta maravilhosa com os resultados obtidos pelos alunos que aprenderam com emoção

Segundo Pedro Morales, (1999 p. 56):

Os alunos devem sentir-se livres para errar e aprender com seus erros. O sentir-se livres se traduz aqui por ausência de medo, de angústia... Aprender com os próprios erros é importante para o crescimento pessoal, seja emocional, social ou cognitivo.

Para Tiba "Um mestre, ao ultrapassar a função de transmitir um conteúdo programático, ensina ao aluno um estilo de vida que enobrece sua alma". (TIBA, 1998, p. 65).

Não devemos esquecer que a continuidade da evolução está nas mãos dos nossos alunos de hoje. Assim, a relação professor-aluno não pode ser reduzida somente ao processo cognitivo da construção do conhecimento, mas envolve dimensões afetivas e emocionais. Para que o aluno possa entender as informações recebidas, com o professor usando um recurso infalível, à emoção.

Com a finalidade de atribuir sentidos e significado às experiências compartilhadas, é que a interação surge como um fazer partilhado, pois vai além da conversa com o aluno sobre sua realidade de vida, promovendo uma ação de diálogo afetivo.

Esse elo afetivo na educação é o que diferencia o homem da máquina, pois está não expressa sentimentos. Segundo Rossini, (2002) "na educação: o cuidado em perceber esta volta ao humanismo, ou seja, o homem como centro" (p.13) Isto é uma coisa certa por mais que a tecnologia avance o homem nunca será substituído.

Mesmo que tenha que se enfrentar a concorrência com a tecnologia e a rapidez no



processamento da informação, um vez que as situações motivadoras estão presentes na mídia, que de certa forma interferem na relação ensino aprendizagem. A escola nos dias atuais tem dificuldade em apresentar situações motivadoras, levando as crianças a parecerem máquinas, pois perderam noções de afetividade.

Máquina alguma irá substituir o professor em sala de aula, uma vez que não podemos esquecer de que o ser humano se constrói na interação social, no convívio com o outro, e desta forma a escola através do professor é um referencial no processo de formação dos alunos.

Essa relação é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa dinamiza e dá sentido ao processo educativo. Apesar de estar sujeitas às normas da instituição de ensino, essa interação forma o centro do processo da construção do conhecimento, aonde o professor vai de encontro a esse aluno.

Conhecer os alunos partindo da realidade em que eles vivem, aproveitar a experiência que eles possuem, colocá-los em contato uns com os outros, criando parcerias e estimulando a cooperação, possibilitando com que esses se sintam mais seguros para participarem das aulas, dando a sua opinião.

Mesmo que se deparem com barreiras pessoais, podendo se mostrar um processo conflituoso, por se basear no convívio de classes sociais, na cultura, nos valores e nos objetivos diferentes. Essa relação deve se dar na confiança, no afeto e no respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, não deixar sua atenção voltada apenas para os conteúdos a serem dados, ou sofrer interferência externa, como valores morais, preconceitos ou discriminações socio-culturais.

Ao professor cabe, ter a consciência de que todos temos algum conhecimento, apesar das diferenças, sabendo lidar com elas, é essencial para aproximar os alunos no processo educacional. E é através do diálogo e do respeito que se faz um trabalho conjunto, mostrando assim aos alunos que eles são parceiros na construção do conhecimento.

Evidenciando que as pessoas não escolhem esse modo de vida, mas que a vida em conjunto é uma necessidade. E o professor como intermediador deve intermediar a relação aluno-sociedade.

O papel do educador é trabalhar de maneira que, sem abrir mão dos conteúdos básicos



possam trabalhar conteúdos de natureza afetiva, entendendo-os como objeto de conhecimento para a vida dos estudantes, da mesma forma que a matemática e a língua são vista."(...) aprender é uma ação que envolve no mínimo duas pessoas: a que ensina e a que aprende. Variando uma das duas, já se modifica o resultado. (IÇAMI TIBA, 1998, p.33).

Trabalha-se dessa forma por meio de situações que solicitem a resolução de conflitos, a educação atinge o duplo objetivo de preparar alunos para a vida cotidiana, ao mesmo tempo em que não fragmenta as dimensões cognitiva e afetiva no trabalho com as disciplinas curriculares.

Segundo ROSSINI (2003, p. 8).

Nossa missão é preparar nosso filhos para a vida, por meio da vida. Lembrar que hoje, o mundo globalizado exige uma sociedade cada vez mais intensa do ser humano, que deve ser cada vez mais bem equipado intelectualmente e preparado emocionalmente para conviver em harmonia com seu grupo social.

Conquistá-los deve ser o passo inicial para que eles venham para a escola com vontade de participar, eles devem sentir-se confiantes para fazerem questionamentos, tirarem suas dúvidas, e serem ouvidos com atenção e respeito, obtendo as respostas que os levarão a compreensão e nas resoluções de seus problemas, em um ambiente construtivo.

A aula não pode ser considerada apenas uma mera transferência de conhecimento, devemos também nos preocupar com o conteúdo emocional e afetivo, que faz parte da facilitação da aprendizagem.

De acordo com LIBÂNEO (1994), destaca esta relação de interação e troca como essencial para o processo educativo, onde "o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos", atraindo para situações metodológicas estratégicas conforme as habilidades encontradas.

Um professor competente está sempre pronto a refletir sobre sua metodologia, sua postura em aula, a replanejar sua prática educativa, a fim de estimular a aprendizagem, a motivação dos seus alunos, de modo que cada um deles seja um ser consciente, ativo, autônomo, participativo e agente



crítico modificador de sua realidade e conhecedor da importância do afeto.

Os professores devem questionar-se sobre sua própria prática pedagógica, no que se refere à afetividade, pois o professor querendo ou não, torna-se um ponto de referência para seus alunos. Como reage perante um questionamento durante a explicação e como intervém quando fazem bagunça ou conversam muito em sala de aula. Nós professores devemos refletir antes de tomar nossas decisões, pois é disso que depende a nossa relação com os alunos, ou os cativamos ou afastamos.

De acordo com Paulo Freire (1996, p.96)

(...) o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio não uma 'cantiga de ninar'. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas.

O que importa mesmo é a sua própria atitude, e conceber seu papel de educador, para agradar, envolver e influenciar os educandos, pois tal influência não se dá apenas dos conhecimentos e do desenvolvimento intelectual, reflete também no desenvolvimento emocional e social dos alunos, mostrando o quanto esta interação emocional pode influenciar no aprendizado dos educandos.

Um bom professor deve buscar um aperfeiçoamento constante, ter um carinho especial pela profissão que abraçou e saber utilizar sua autoridade com moderação e imparcialidade.

É fundamental, a percepção de que a formação continuada é uma necessidade, e que uma postura crítica-reflexiva deve fazer parte do seu dia-a-dia.

FORMANDO CIDADÃOS COM AFETIVIDADE

Os educadores devem estar atentos às mudanças sociais, pois estas estão diretamente ligadas à qual finalidade da vida por que vivem os homens? E para que educarmos o ser humano? O que queremos que ele se torne? Neste caso a educação será em como fazer com que este aluno exerça



os seus direitos e deveres quando a questão for o exercício da plena cidadania. Segundo CHALITA (2001}, "(...) há muita coisa a ser valorizada neste país, o que o brasileiro só conseguira fazer quando conhecer sua história e sua cultura". (p. 121).

O professor sendo reflexivo em sua prática facilitará a compreensão sócio cultural ao aluno. Para o educador cabe o desafio de convencer o educando a agir não em benefício próprio, mas ter uma boa convivência sabendo partilhar, não sendo egoísta. A ganância quer seja na ocupação ou profissão que exerça, será um obstáculo em sua vida no exercício da sua cidadania, não se fechando em interesses particulares.

Para CHALITA (2001), "É preciso respeitar os espaços e as pessoas. Nem tudo que é agradável pode ser feito. A cidadania não é um direito solitário e a arte da convivência social".(p. 119). Que para ser construída precisa que o professor esteja aberto a novos métodos que abram discussões que provoquem interesses no seu aluno maior que o da mídia. Ajudando-o a tomar-se um cidadão mais pleno, uma pessoa mais justa, comprometida e feliz.

Quando recebemos uma criança a porta da sala de aula, ela traz uma bagagem não apenas de matérias escolares e sim de uma carga de impressões que ela vivenciou. Esta criança não nasceu preparada para viver em sociedade os pais e que exercem o papel de direcionar esta criança na infância: conter seus ímpetos não comer em demasia, não gritar ensinar a respeitar e a preservar a si mesma.

É essa relação de contradições sociais que ocorre no cotidiano escolar, onde a interação se faz presente. E para lidar com essas contradições que naturalmente surge na convivência em grupo, é preciso ter entendimento da importância da auto aceitação e do auto-respeito .

Segundo Matos (2003, p. 38).

Um elogio que valoriza na medida certa os esforços dos estudantes pode representar um estímulo para melhorar a imagem que ele faz de si mesmo e ir adiante na busca do conhecimento. Esse esforço positivo constitui um dos modos mais eficazes de melhorar o autoconceito. Todo esforço merece elogio, mas os mais calorosos só devem ser concedidos a quem estiver realmente suando a camisa para fazer o melhor possível.



Nesse sentido reforça a percepção de que o professor necessita ter uma atenção em especial para com seus alunos, para poder realizar tudo o que a sua prática pedagógica exige: o resgate da auto-estima, da autonomia e uma série de providências para que seu trabalho seja transformador da realidade. Em busca da formação do cidadão.

Isso requer uma postura que no ato da ação educativa exija sensibilidade e eficiência pedagógica. E a busca pela qualidade de ensino é alcançada através do aspecto cognitivo com a aprendizagem emocional. O que fazer para que esta afetividade seja se desenvolva?

Conforme ROSSINI (2001), "o desenvolvimento da afetividade pressupõe um trabalho baseado em três alicerces (ou pontos básicos):afetividade, limites mitos do cotidiano e ritmos". (p.17).

A geração dos que hoje são os educadores foi muito reprimida, não tinha direitos se quer de manifestar a opinião tinha-se muito respeito, quanto aos professores que faziam valer sua autoridade. O limite era imposto diretamente em forma de castigo: era a maneira de se conseguir disciplina, mas, aos poucos pais e professores conscientizaram que não era pelo autoritarismo que a liberdade deveria ser proposta e passaram a permitir tudo. Segundo Rossini (2001) "por volta dos anos 70, pais e professores decretaram "não" ao autoritarismo e passaram a permitir tudo numa ânsia desesperada pela liberdade". (p. 19).

Os prejuízos causados por esta permissividade são sentidos em nossa sociedade, pois se criou uma geração com dificuldades de enfrentar a vida e assumir responsabilidade. Evidenciando que era preciso impor, mudar, e que será mais fácil lidar com essa criança. "(...) quanto mais cedo começarmos a estabelecer limites".(ROSSINI, 2001 p. 20). Quando a criança cresce e se torna adolescente sua base já estará formada e mais complexa será essa tarefa.

Esta tarefa do dizer não pode ser dificultada, pois os pais e os professores encontram grandes dificuldades em executá-la formando-se assim um jogo de 'empurra-empurra'. Essa dificuldade é perpassada de pais/escolas, escola/pais e ninguém assume a responsabilidade (grifo nosso).

De acordo com ROSSINI (2001, p. 21).

Alguém tem que assumir a responsabilidade! É muito mais fácil deixar que



as crianças fiquem à vontade, façam tudo conforme seus desejos. Mas nossa responsabilidade como pais e professores nos impõe um papel de preparar essa criança para a vida.

Essa permissividade por parte dos pais, que, na maioria dos casos, carregam uma carga exaustiva de trabalho, faz com que, piore a situação, mas é preciso trabalhar a questão do limite, não importando quais sejam as condições encontradas. ROSSINI (2001), define que "independente do número de horas que os pais fiquem com seus filhos, é importante trabalhar com as questões dos limites, sem medo, sem culpa, com convicção (p.22).

A falta de limites por parte dos pais é interpretada pelos filhos como falta de amor e de afeto, sendo que, com isto pareçam desequilibrados, abusando e impondo suas vontades.

O que deve ser estabelecido é que a qualidade é melhor que a quantidade e que o pouco tempo dedicado aos filhos, não implica em satisfazer todos os seus desejos. A criança vai se sentir amada quando os limites lhes são impostos. "Devemos mostrar que limite não é castigo. É ensinar que as pessoas não podem nem são capazes de fazer tudo o que querem". (ROSSINI, 2001, p.23).

Esta questão encontra-se em discussão nas escolas esta questão. Porquê é na escola que esta sendo refletido. E quando as exigências de limites precisam ser impostas gerando conflito entre escolas e pais. A primeira, tem regras que devem ser seguidas de horários que são pré-estabelecidos e que precisam ser respeitados. O educando precisa tomar consciência de que há "(...) algumas regras de convivência em grupo que a criança vai aprender a distinguir entre o que ela pensa e que o colega pensa. O que ela quer e que o outro quer. O que ela pode ou não pode fazer (ROSSINI, 2001, p.23).

É neste ponto que o professor interfere porque desde os primórdios da cultura grega o professor "(...) se encontra em uma posição de importância vital para o amadurecimento da sociedade" (CHALITA, 2001, p. 167). E desta forma o professor demonstra através das suas habilidades de mostrar afeto e propiciar reflexão aos alunos fazendo-os entenderem que na vida encontraremos, segundo ROSSINI (2001), muitas situações em que nos deparamos com não, com frustrações. Nem tudo pode acontecer como queremos ou desejamos.



Uma outra questão, que podemos entender e que dizem respeito a como afetividade aflore, são os mitos vividos em nosso dia-a-dia e que devemos recuperá los.

Devido ao desenvolvimento social e tecnológico houve uma dissolução entre as famílias, e que após o divórcio dos pais, os filhos ficam inseguros e desprendidos do amor segundo ROSSINI (2001), "parece que não somos mais descendentes de ninguém: estão abandonadas, sem raízes, e sem referências". (p.41). A criança esta em desenvolvimento e precisa neste momento, que alguém assuma a responsabilidade básica.

Rossini (2001, p. 42), relata:

Precisamos de pais que realmente desempenham o papel de pai e mãe com firmeza. Que estejam prontos a atender seus filhos em suas necessidades básicas sem protecionismo, atentos às diferentes fases evolutivas pelas quais seus filhos passam: primeira infância, a adolescência (...).

Para a criança, neste momento é fundamental que possam contar com os pais, e estes demonstrem que as amam verdadeiramente não delegando a escola e aos professores a responsabilidade que é somente deles.

O professor convivendo com toda essa complexidade da vida moderna, nunca deve esquecer que esta lidando com seres humanos e que estes contam muito com a escola, devendo trabalhar na mesma linha de pensamentos que a família. Isto é falar a mesma língua, nunca deixar de ser um líder. O professor é essencial e vital "na sala de aula, ele representa a direção, a própria família. Ali ele é 'dono da lei". (ROSSINI, 2001, p.44). Desempenhando, sempre o papel de mediador de maneira desafiadora diante desta realidade social tendo a missão de educar.

O aluno gosta de limites e, portanto, a firmeza com que o professor age, gera respeito no aluno que não gosta de professor bonzinho. A impressão do aluno quanto a professores bonzinhos segundo Rossini (2001), são de "que não ligam para eles, só estão pensando no seu salário e só pensa em si mesmo".

Um outro fator importante nas relações afetivas que não nos cabem ignorar são os ritmos



existentes . Quer sejam internos ou externos na vida do ser humano devendo ser respeitado. Sabendo que nosso comportamento varia de acordo com o ambiente, a estação, a música e a tudo que estamos vivenciando, isto é, tudo tem seu ritmo. Estes são ritmos externos e interferem no comportamento humano. ROSSINI (2001), define o comportamento humano como: "(...) uma grande antena parabólica que capta as "ondas" do exterior e do interior também, reagindo de acordo com os estímulos "percebidos". (p.62).

Por isso, entendemos que o ser humano sofre influencia do ritmo externo e interno. Compreendemos que o chamado ritmo interno refere-se ao desenvolvimento humano em diferentes aspectos: físico, intelectual, psíquico ou anímico, que são as diferenças de temperamento. Podemos entender os ritmos relatados assim, por ROSSINI (2001}, "existem dois tipos de ritmos: o vital (abrir e fechar) e o espiralado (de baixo para cima). Todo ser vivo possui ritmo cíclico desenvolvendo-se em espiral mas repetindo de certa forma as linhas de base" (p. 62).

A autora observa a natureza como ritmo cíclico e a cada vez que acontece algo diferente como um ciclone, terremoto ou furacões. O ritmo é quebrado. Com o ser humano não é diferente desde o nascimento ele já interioriza seu ritmo com as práticas rotineiras: horário de banho, da mamada. E muito difícil que esse ritmo seja desrespeitado, quando isso acontece há uma quebra ou um desconforto.

Neste ponto a autora determina que (ROSSINI, 2001 p. 65).

"a escola e a família devem além, de estabe lecer este ritmo diário cumpri-lo na integra, conscientes de que isto é saudável para a criança. Proporciona conforto, equilíbrio, segurança: contribui para o desenvolvimento sadio da afetividade".

Para que seja desenvolvidos a afetividade e o equilíbrio na criança, a escola deve contribuir, planejando atividades que aconteçam sempre nos mesmos horários e no mesmo dia assim segundo, ROSSINI (2001), "(...) a criança vai interiorizando as partes do dia, as partes da semana, e as partes do ano. Enfim, vai marcando o ritmo do tempo" (p.66).



Outros exemplos que segundo a autora vão de encontro aos ritmos internos são o uso de uniforme quando no ensino médio as crianças são desobrigadas de usar. Isso vai mostrar que um ciclo em sua vida já foi concluído. Assim como deixar de ser obrigado ter o visto do pai na agenda.

Essas passagens de ritmos devem ser respeitadas, tanto pela família, como por professores que devem estar atentos a estas fases que são determinadas pelo ritmo interno e que segundo a autora, "(...) existem características que marcam diferentes fases evolutivas levando-se em conta que o ser humano é dotado de corpo, espírito, razão e emoção."(p.72).

A autora aponta que os estudos de Piaget, também acontecem em fases, ciclos e ritmicamente. Os de Freud, da mesma maneira, e até as do austríaco Rudolf Steiner que estuda o homem e a sua relação com a evolução da terra, da natureza e da humanidade, também está em fases (ROSSINI, 2001).

O que se quer contatar, é que em tudo é preciso haver uma sequência isto é um ritmo para que haja equilíbrio. Havendo equilíbrio haverá amadurecimento afetivo para continuar a desenvolver-se , isto é, realizar-se como ser humano.

ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER A AFETIVIDADE

O professor, para conseguir fazer este aluno realizar-se, ser feliz, precisa trabalhar a afetividade sem que os conteúdos sejam entrecortados por lições de moral ou coisas assim em sua prática, o professor deve "(...) propor atividades sobre o conteúdo a ser dado, mas que estimule a cooperação e a atividade." (CAVALCANTE, 2005, p. 56), promovendo debates em que as opiniões de todos são respeitadas, fará com que esses valores sejam respeitados dentro do conteúdo lembrando que um ambiente favorável melhora o estado de espírito dos alunos. Em consequência há o desenvolvimento.

Sendo a afetividade o combustível das ações, deve se trabalhar fazendo com que seus alunos descubram por si só, isto é "ao provocar a curiosidade se estimula a afetividade, que é a motivação para o conhecimento". (VINHA, 2005, apud CAVALCANTE, 2005 p.56).



Este cuidado que o professor tem com o aluno em incentivar e descobrir do que ele gosta, isto, é, fazer com que o aluno use sua inteligência fará com que este se desenvolva. "Quando o aluno escolhe o que quer fazer de acordo com seus interesses tem mais chance de se desenvolver". (RODRIGUES, 2005, apud CAVALCANTE, 2005, p. 57). O professor precisa, respeitar, ouvir e orientar os alunos, este cuidado vai fazer com que o aluno passe a vê-lo de forma respeitosa passando a admirá-lo por suas atitudes. Ao contrario do que se pensa, a afetividade pode ser confundida com manifestações de carinho, justifica Cavalcante (2005), "muitas vezes o afeto é demonstrado de forma contraria: quando o professor é severo. Se ele é justo e chama a atenção de forma respeitosa o aluno passa a admirá-lo e busca não decepciona-lo". (CAVALCANTE, 2005, p.56). Isto é, não significa ficar dando beijinhos, afagos e elogios.

É claro que a tarefa de educar não é fácil, estabelecer limites ou darem broncas faz com que a criança fique aborrecida. Mas segundo Antunes (2000) "uma repreensão austera e firme, de vez em quando, mostra caminhos".(p. 54). O professor deve no momento da repreensão não mostrar raiva e muito menos mostrar arrependido compensando os alunos com carinhos.

As regras devem ser seguidas sem serem excessivas sendo construídas e discutidas por ambas as partes professores e alunos. Para que sejam respeitadas. Esse cuidado vai muito além do afeto. "Não existe missão mais linda, desafio mais admirável do que uma criança crescer de forma ilimitada, para desabrochar em todos os seus limites".(ANTUNES , 2000, p. 8).

Às vezes a criança por não ser compreendida, apresenta muita agressividade na escola, bate nos amigos descontando toda a raiva que guarda em seu interior, o professor além de sua obrigação de dar conta de todo o conteúdo. Deve saber lidar com este quadro que é refletido em sala de aula. Segundo CAVALGANTE (2005), "Dar uma boa aula, por exemplo, é obrigação do professor. "mas se ele fica com a criança meia hora para atender a uma dificuldade, isso é generosidade. Além de sua conduta ser um exemplo demonstra que se importa com o alunos". (p.54).

Para fazer com que, este aluno, que apresenta agressividade consiga falar de seus problemas. É necessário que seja estimulado a isto, vai fazer com que adquira confiança e veja a escola com



olhos diferente. "Sem estímulo para expressar sua carência, Daniel só sabia agredir. Ao encontrar a compreensão da professora, fez amizade com os colegas e passou a ver na escola uma aliada". (CAVALCANTE, 2005, p. 54). O professor que consegue ver o aluno como um ser dotado de capacidade acreditando nele, faz com que este aluno alcance sucesso escolar, pois "Valorizar o melhor de cada um é essencial para o crescimento". (CAVALGANTE, 2005, p. 55).

Possibilitar essa valorização do aluno, fazendo com que sua auto-estima e emoção sejam afloradas faz parte de um professor que sabe lidar com a afetividade, não educando somente para a competitividade da vida moderna, mas para que seja sujeitos capazes de fazer escolhas.

Segundo CURY (2003, p. 142).

"Há muitas escolas, que só se preocupa em preparar alunos para entrarem nas melhores faculdades. Elas erram por focarem apenas nesse objetivo. Mesmo que entrem nas melhores escolas estes alunos poderão ter enormes dificuldades para dar solução a seus desafios profissionais e pessoais.

É neste sentido que podemos relacionar a educação de modo que criar jovens que façam a diferença no mundo que segundo os autores, (RICOEUR, 1960, apud, CURY 2003, p.163)

proponham mudanças, que resgatem seu sentido existencial e o sentido das coisas. fazendo os amar a arte de pensar e aprender a grandeza dos direitos e dos deveres humanos. Assim, esperamos que jamais se sentem num banco de réus.

Acredita-se que a escola e a família precisam urgentemente se voltar à essas questões e ensinar as crianças a enfrentarem as adversidades que não estão previstas nos livros, para as quais as teorias e regras não dão respostas. Trabalhar o controle das emoções; mostrar-lhes a importância do afeto, da troca de experiências e do amor pelo próprio amor, e ensina-los a amar a natureza, a usufruir os bens que recebemos gratuitamente, a respeitar as diferenças, a apreciar uma obra de arte, a ouvir uma boa música, a ler um bom livro, aceitar os próprios limites e entendê-los. Tudo isso diz respeito



a como viver em sociedade. Parece simples, mas são de uma complexidade imensa, por isso é que, se soubermos entender , vamos deixar apenas as marcas que permitimos.

Neste ponto devemos ressaltar a importância da afetividade na construção do ser humano e para onde estamos caminhando. E neste caminho são os educadores que permeiam a educação, lapidando a inteligência dos alunos.

CONCLUSÃO

Necessita se construir um sistema educativo que supere a clássica contraposição entre razão e emoção, cognição e afetividade . Que rompa com uma concepção que atribui o desenvolvimento do intelecto, aos aspectos cognitivos e racionais, um lugar de destaque na educação, relegando os aspectos emocionais e afetivos de nossa vida a um segundo ponto. Assim é que a educação tradicional e os currículos escolares ao trabalharem de maneira puramente cognitiva a matemática, a língua, a ciências e a história, acabam por priorizar apenas um desses aspectos constituintes do psiquismo humano, em detrimento do outro.

É necessário avançar as discussões que apontam para articulação das relações intrínsecas entre cognição e afetividade , no campo da educação, incorporando-se no cotidiano da sala de aula discursos e estudos sistematizados acerca das relações de afeto e sentimentos, encarando-os como objetos de conhecimentos.

Nesta perspectiva, de considerar, por um lado que os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objeto de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos.

Educar é, sem dúvida, uma das tarefas mais complexas impostas pela vida, por ser em qualquer circunstância, uma execução contínua e coletiva. Por tais razões, é necessário a todo instante refletirmos, enquanto agentes formadores e facilitadores desse processo, acerca de nossas condutas e sentimentos, pois navegaremos nas relações intra e inter-pessoais.



A aprendizagem exige uma mediação integrada, em que o ensinar não apenas descreva, mas que o aprender se torne prazeroso à medida que se faça significativo.

O ato de aprender não é uma ação fragmentada, ela engloba a pessoa por inteiro despertando os sentimentos na busca do conhecimento. Esse conhecimento deve ser buscado na sala de aula, sendo o professor a ponte necessária para fazer essa travessia.

O conhecimento ideal é aquele que transforma o aluno em um cidadão que viva no mundo e, no entanto, para que isso aconteça, o papel do professor, deve ser em fazer com que seu aluno sobreviva em um conjunto de pessoas ligadas pela necessidade de se ajudarem umas às outras, isto é, que viva em sociedade, pois sem ela as pessoas não conseguiriam sobreviver. Sabendo que as necessidades não são somente de ordem material, são também de ordem espiritual e psicológica. Necessitamos de afeto, amor, atenção e respeito. A base do ser humano é a esperança até pelas suas crenças. Considera-se então, que a vida em sociedade é da natureza humana.

Portanto aprender deve estar ligado ao ato afetivo, devendo ser gostoso, prazeroso, mas para isso é necessário que o educador esteja atento a todas as necessidades do educando para que possa orientá-los adequadamente e ajudá-los a cuidar de si próprios.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Celso. A construção do afeto: Como estimular as múltiplas inteligências de seus filhos. 4. ed. São Paulo: AUGUSTUS, 2000.

ANTUNES, Celso. A linguagem do afeto: Como ensinar virtudes e transmitir valores. Campinas-São Paulo: Papyrus, 2005.

CAVALCANTE, Meire. Como criar uma escola acolhedora. Nova Escola. São Paulo: Abril, n.180, p. 52-57 mar. 2005.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2001.



CURY, Augusto Jorge. Pais brilhantes. professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DALLARI, Dalmo de Abreu. Viver em sociedade. São Paulo: Moderna, 1985. ELIAS, M. D. C. Pedagogia Freinet: teoria e prática. São Paulo: Papyrus, 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio Século XXI. 3. ed. RJ: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FURNALETTO, Ecleide Cunico. Como Nasce um Professor? uma reflexão sobre o processo de individualização e formação. São Paulo: Paulus, 2003 .

GENTILE, Paola. Parceiros na Aprendizagem . Nova Escola, São Paulo: Abril, n. 193 p. 33- 39 jun . 2006.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência emocional. São Paulo: Objetiva, 1995. LIBÂNEO, Jose Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MATOS, Carlos Eduardo. Desenvolvimento e aprendizagem. Nova Escola, São Paulo: n. 160 p. 38 mar. 2003 .

MASETTO, Marcos Tarcisio. Didática : a aula como centro. São Paulo:FTD, 1996.

MORALES, Pedro. A relação Professor-Aluno - o que é, como se faz. Tradução Gilmar Saint' Clair Ribeiro. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

MORENO, M. et. al. Façamos de Sentimentos: a afetividade como um tema transversal na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

PASSARELI, G. Lilian. Ensinando a escrita: o processual e o lúdico. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIAGET, Jean. O nascimento da Inteligência na criança. Guanabara, RJ:Koogan, 1987.



ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Pedagogia afetiva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. Aprender tem que ser gostoso... Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TIBA, Içami. Ensinar aprendendo. 4. ed. São Paulo: Gente, 1998.

TIBA, Içami. Disciplina -Limite na medida certa. 26. ed. São Paulo: Gente, 1996.

WADSWORTH, Barry J. Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 1995.

WALLON, Henri. A atividade proprioplástica . In: NADEL-BRULFERT J. & WEREBE, M. J.G. Henri Wallon (antologia) . São Paulo: Ática, 1986.

ZAGURY, Tânia. O professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2006.



